



PLANETA FAVELA

de Mike Davis. São Paulo: Boitempo, 2006.

Resenha CIDADE OU FAVELA?

por Danielle Klintowitz, Raquel Rolnik

Arquiteta urbanista | Mestranda em Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo CEATEC PUC-Campinas | arquiteturas@klintowitz.arq.br

Professora doutora | Secretária Nacional de Programas Urbanos – Ministério das Cidades | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo CEATEC PUC-Campinas | rrolnik@terra.com.br

CIDADE OU FAVELA?

“Favela, semifavela e superfavela... a isso chegou a evolução das cidades.” Com essa citação de Patrick Geddes (p.9), epígrafe impressa sobre uma folha em branco, inicia-se o livro *Planeta favela*, de Mike Davis. Essa afirmação estabelece, desde o início do texto, o tom que se estenderá até as últimas páginas, trazendo à tona o que raramente aparece como tema do urbanismo contemporâneo: a constatação de que a maior parte do território urbanizado do planeta é constituída por assentamentos que não podemos chamar de cidades.

Por isso, *Planeta favela* não é exatamente um livro sobre cidades. É um livro sobre como a recente história política e econômica foi capaz de transformar drasticamente o destino da população, principalmente nos países da América Latina, na África, na Ásia e no Leste Europeu, urbanizando a pobreza: segundo dados do *UN-Habitat* nele citados, a população das favelas no mundo cresce na base de 25 milhões de pessoas por ano, e as taxas mais altas de urbanização são verificadas justamente nos países mais pobres.

Relacionando narrativas de histórias cotidianas da miséria a dados meticulosamente recolhidos, o autor dá visibilidade ao tema da pobreza urbana sem romantizá-lo ou estetizá-lo. Davis discorre sobre fatos e indicadores concretos, fala sobre a realidade, sem se permitir desviar seu percurso pelo terreno da abstração conceitual. Nesse caminho, reúne uma incrível e numerosa massa de dados que revelam realidades desastrosas.

Aqui cabe uma observação, já apontada por Ermínia Maricato em seu posfácio à edição brasileira do livro. Após discorrer sobre as formas contemporâneas do vertiginoso

crescimento do mundo urbano no último século, Mike Davis inicia seu segundo capítulo, “A generalização das favelas”, com uma questão: “Mas o que é *slum*, palavra inglesa que significa ‘favela’?”. Com base nessa questão, o autor parte em busca da origem da palavra *favela* que, segundo ele, apareceu pela primeira vez em uma publicação inglesa de 1812 como sinônimo de *racket*, que significa estelionato ou comércio criminoso, revelando que o estigma de marginalidade e criminalização dos assentamentos urbanos pobres existe desde a origem de sua denominação. Após a breve descrição de algumas passagens, imbuídas de um alto grau de preconceito, na literatura especializada do século XIX, o texto culmina em uma crítica à “definição operacional” adotada oficialmente pela ONU, em outubro de 2002, que é “restrita às características físicas e legais do assentamento e evita as dimensões sociais”, deslocando os aspectos físicos das ações sociais, que são indissociáveis para compreensão do espaço urbano e do território. Mas, curiosamente, depois dessa breve incursão ao significado desse termo, o autor não responde à sua própria pergunta e não compartilha com o leitor seu entendimento e sua definição sobre a palavra *slum*. Essa indefinição sobre o que se quer dizer quando se evoca a palavra *favela* perpassa todo o livro, levando a uma generalização que abrange todos os assentamentos pobres urbanos.

De fato, em inglês, *slum* significa um assentamento precário estigmatizado, o que pode corresponder de cortiços e casas de cômodos até loteamentos precários e/ou clandestinos. Em comum estão os elementos de definição negativa (a falta de infra-estrutura, a falta de documentos legais comprobatórios de posse, a falta de espaço vital, de ar, de luz). No caso brasileiro, “favela” é uma das formas específicas de moradia precária dos pobres nas cidades, que tem como característica a ocupação da terra de outrem (pública ou privada). Dessa forma, os dados apresentados sobre a realidade brasileira não correspondem propriamente ao número de moradores em favela, e sim ao de moradores em assentamentos precários de baixa renda de forma geral, abrangendo as próprias favelas, os loteamentos clandestinos e irregulares, os cortiços e moradores de rua.

O autor apresenta uma espécie de “história da favelização do planeta”, identificando no colonialismo europeu na África e na Ásia uma das origens do modelo dual de cidades formais regulares, contrapostas a assentamentos precários “nativos”. Demonstra, ainda, como a independência das ex-colônias, aliada aos desbloqueios institucionais à migração, acabou por exacerbar o fenômeno nos anos 1950 e 1960, para, finalmente, apontar o efeito devastador dos chamados “Planos de Ajuste Estrutural” das décadas de 1980 e 1990, na generalização da produção de uma humanidade excedente, sem perspectivas de incorporação ao mercado de trabalho e à ordem urbana.

Mike Davis se detém também – no capítulo “Ecologia da favela” – na associação perversa entre assentamento precário e riscos ambientais, apontando como a própria dinâmica de crescimento urbano acabou por destinar aos pobres única e exclusivamente as áreas contaminadas, sujeitas a escorregamentos e inundações, entre outras situações de vulnerabilidade. Esse é o meio ambiente que abriga perto de um bilhão de habitantes do planeta,

e, mais uma vez, o relato apresentado pelo livro nos leva à constatação de que paradoxalmente esse é um tema que pouco aparece na agenda ambiental internacional, embora tão trágico e urgente como o aquecimento global e a destruição da camada de ozônio.

O livro termina mostrando como as favelas são o novo cenário de um novo tipo de guerra. Embora Davis esteja se referindo ao extermínio das populações pobres por tropas norte-americanas e aliadas nas cidades islâmicas, “descendo a rua Vietnã”, traz um novo ponto de vista sobre um fenômeno bastante presente entre nós, que é a onipresença de violência associada real ou imaginariamente às favelas.

Apesar de anunciar – nos agradecimentos finais – um novo livro em gestação sobre a história da resistência e da luta dos favelados, neste livro, os moradores de favelas são vítimas passivas de um destino catastrófico. Nem ações dos próprios moradores nem políticas públicas produzem impacto para deter a força avassaladora da máquina global de exclusão dos pobres. Assim, o sentido profundo de crítica à ordem neoliberal e de identidade com os excluídos acaba por excluí-los da possibilidade e da capacidade de intervir, sendo atores da própria história.